

"Parar a indústria é sacrifício inútil e não paga a dívida externa"

por Patrícia Sabóia
do Rio

23

Os problemas do Brasil não serão resolvidos com recessão, "sacrifício inútil" que não é terapêutica adequada para combater a inflação ou equilibrar o balanço de pagamentos. Não fossem o descontrole da economia, as políticas improvisadas e as medidas desconectadas, os dois grandes focos de pressão inflacionária já teriam sido atacados: os sobregastos do setor público e o sistema de incentivos à iniciativa privada.

Ao colocar-se frontalmente contrário à política recessiva, "pois não é parando a indústria que se vai pagar a dívida externa ou criar excedentes exportáveis", o ex-ministro do Planejamento, Celso Furtado, colocou o dedo na ferida que deve ser curada: o déficit consolidado do orçamento monetário e das empresas estatais alcança neste ano Cr\$ 3 trilhões, o que corresponde a 6% do PIB. Se a esta cifra forem acrescidos os Cr\$ 2 trilhões previstos no orçamento fiscal para financiar estas mesmas empresas e para alimentar o orçamento monetário, chega-se a 10% do PIB.

Isto significa, segundo ele, mais de duas terças partes da formação líquida de capital do conjunto da economia e revela que 60% do esforço realizado pela coletividade é canalizado para cobrir dispêndios das estatais e subsidiar o crédito privado. E tudo isto "é resolvido a portas fechadas, sem que os representantes do povo sejam sequer informados".

RENEGOCIAÇÃO

Para eliminar estes dois focos, acentua o professor, passa-se necessariamente por mudanças nos preços relativos que permitam ao País manter os níveis desejados de exportação sem apelar para subsídios, adequando-se os gastos do Estado à sua capacidade de captação, sem diminuir a produtividade do setor privado nem gerar tensões sociais.

Celso Furtado vê "sinais claros de desgoverno", por exemplo, na linha do discurso do presidente Figueiredo na ONU, "que reflete um grande avanço e lucidez", em contraposição ao que o Brasil "faz interna e externamente". Exemplo disso seria uma renegociação isolada da dívida externa. Sua opinião é de que o Brasil "caminhará, de uma maneira ou de outra, para a negociação global", mas é necessário "um entendimento internacional para criar condições para que os países possam pagar suas dívidas, defendendo-os contra as brutais elevações das taxas de juros ou contra as consequências de baixas nos preços dos produtos exportáveis".

IMPLOSAO

O problema da dívida externa "tem de ficar fora dos problemas de conjuntura", argumenta ele, "e não podemos simplesmente esperar uma implosão. O Brasil tem de exercer uma certa liderança no continente, mas para isto precisa primeiro recuperar o controle interno da economia". Furtado discorda da posição defendida por Carlos Langoni, presidente do



Celso Furtado

Banco Central, que tentou mostrar nos Estados Unidos a situação diferenciada do Brasil em relação aos demais países que estão renegociando suas dívidas. "O Brasil deveria renegociar em conjunto com outros países, e ele não é diferente coisa nenhuma. Se é diferente, é para pior, pois nem tem o petróleo do México, por exemplo, e paga os maiores 'spreads' do mundo."